



HISTÓRIAS DE SI: NARRATIVAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DO/NO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR

SUBJECTS STORIES: NARRATIVE OF TEACHERS OF CONTINUOUS TRAINING OF/NO PEDAGOGY/PARFOR COURSE

Ana Lúcia Oliveira Aguiar

Amélia Ferreira Dantas

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN

Emerson Augusto de Medeiros

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Resumo

O presente artigo tem sua origem no projeto de pesquisa intitulado “A formação continuada de professores e inclusão através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR: Saberes docentes e Formação Profissional”, financiado pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/ Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, e tem como objetivo refletir sobre o percurso de formação de alunas do PARFOR, atuais professoras em escolas no campo, para compreender esses processos de formação, de conhecimento, de aprendizagem em sua história de vida. Investiga a formação continuada fomentada pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR. Nossa reflexão se ancora no método (auto) biográfico de pesquisa, tendo como referencial teórico, para subsidiar nosso entendimento, a Pedagogia da Esperança, a Pedagogia do Oprimido e a Pedagogia da Autonomia. Para análise no estudo, nos fundamentamos em nove cartas redigidas pelas alunas/professoras do Curso de Pedagogia da UERN contempladas pelo PARFOR, do total de 39 cartas elaboradas durante a execução do projeto de pesquisa. Tais testemunhos versam sobre as histórias de si, suas trajetórias de ensino e aprendizagem, mostrando receios, dificuldades, sonhos e realizações de alunas do PARFOR, professoras do campo.

Palavras-chave: (Auto) Biografia. Formação Continuada. Inclusão Social.

Abstract

This article has its origin in the research project entitled “Continuing teacher education and inclusion through the National Plan for the Training of Basic School Teachers - PARFOR: Teacher knowledge and Professional Training, funded by UERN -PIBIC / CNPq, and it aims at reflecting on the route of PARFOR students training, current teachers in schools in the field, in order to understand these processes of formation, knowledge, learning in their life stories. It investigates the continuing education promoted by the National Plan for the Training of Basic School Teachers- PARFOR. Our reflection is grounded in the autobiographical research method, and the theoretical reference to support our understanding has to do with Pedagogy of Hope, Pedagogy of the Oppressed and Pedagogy of Autonomy. For analysis, we considered nine letters written by the students / teachers of UERN of Education Course contemplated by PARFOR, of the total of 39 letters written during the execution of the research project. Such statements deal with the personal stories of these teachers, their educational trajectories and learning, showing fears, difficulties, dreams and achievements of these students of PARFOR, teachers in the field.

Keywords: Autobiography. Continuing formation. Social Inclusion.



Introdução

O artigo em questão tem sua origem no projeto de pesquisa intitulado “A formação continuada de professores e inclusão através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR: Saberes docentes e Formação Profissional”. Como objetivo do estudo, destacamos refletir o percurso de formação de alunas do PARFOR, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, atuais professoras em escolas do campo¹.

Acreditamos que a investigação nos possibilitou compreender esses processos de formação, de conhecimento, de aprendizagem em suas histórias de vida.

Inicialmente, destacamos que concebemos a formação como um “processo que ocorre ao longo da vida”, perpassando por diferentes momentos situados nas vivências e itinerâncias pessoais e profissionais das alunas/professoras, participantes da investigação (NÓVOA, 2000).

Continuando esse diálogo, referenciamos que, por conhecimento, compreendemos os saberes resultantes de experiências significativas no campo e na formação no Curso de Pedagogia do PARFOR/UERN e, por aprendizagem, entendemos as mudanças advindas dos saberes desenvolvidos e corporificados em situações reais no cotidiano desses sujeitos (FREIRE, 1992).

Como instrumento de investigação recorreremos às cartas escritas pelas alunas/professoras do Curso de Pedagogia do PARFOR/UERN, que buscam uma formação superior com o intuito de aperfeiçoar suas práticas e seus saberes em sala de

¹ No texto, utilizamos o termo alunas/professoras para se referir aos sujeitos da pesquisa. Ao adotarmos esse termo consideramos tanto as alunas do Curso de Pedagogia PARFOR/UERN, quanto sua atuação profissional atualmente: professoras em escolas no campo.



aula, uma vez que já atuam há anos, tendo sido habilitadas pelo/no antigo Curso de Magistério.

As “cartas da esperança” buscam desses sujeitos suas histórias de vida, suas limitações e êxitos como elementos de sua formação continuada, pois, não podemos separar o homem que sente, chora, sorrir, odeia e ama do homem profissional que batalha por sua sobrevivência diariamente (FREIRE, 1992; NÓVOA, 2000).

Sendo assim, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), que surgiu no período de julho a dezembro de 2009, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, foi criado para integrar professores que exercem a profissão há mais de três anos e não puderam ingressar em uma universidade, oportunizando a esses profissionais da educação terem uma formação continuada e favorecendo-lhes uma melhor qualidade de ensino e aprendizagem. Para dar suporte ao projeto de formação continuada, o PARFOR constrói uma plataforma denominada Plataforma Freire, no intuito de facilitar o acesso às informações sobre o projeto.

O objetivo central da proposta formativa do PARFOR é induzir e fomentar a oferta de educação superior, gratuita e de qualidade, para professores em exercício na rede pública de educação básica, na perspectiva de que esses profissionais possam obter a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB e contribuir, dessa forma, na melhoria da qualidade da educação básica no Brasil (BRASIL, 2009).

Acreditamos no PARFOR como um projeto que veio para dar respostas às demandas socioeducacionais desse tempo, da mesma forma, como um caminho para a inclusão social de sujeitos que não devem ser esquecidos por não terem uma formação “adequada”, e que, com a chance de estarem se aperfeiçoando, eles possam estar resignificando o melhor de si, de suas experiências e conhecimentos na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, afinal, não podemos negar que as



alunas/professoras do PARFOR/UERN atuam em um cenário ainda fragilizado, com escolas precárias no mundo rural e que suas participações no projeto elencado podem ser um elemento diferencial para uma educação do/no campo com mais qualidade.

Pensamos que este trabalho encontra sua pertinência no instante em que busca, por meio das narrativas dessas alunas/professoras, entender seus processos e percursos de aprendizagem e de formação, bem como de inclusão social em meio às mudanças decorrentes de suas entradas no PARFOR/UERN.

Todavia, para que fosse possível realizarmos esta pesquisa optamos por uma metodologia dialógica e problematizadora nos termos de Freire (2008), uma educação que conduz os sujeitos à luta, ao diálogo com o outro e com o mundo, e que seja propagada em todos os cantos como “um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate, a análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 2008, p.18). Para enriquecermos a metodologia freireana, temos a pesquisa (auto) biográfica como papel central em sua relação entre a formação e a história de si.

Devido à amplitude no Projeto de Pesquisa, utilizamos para análise, nesse momento, 09 (nove) das 39 (trinta e nove) cartas escritas pelas alunas/professoras do PARFOR/UERN. A análise dos documentos foi dividida em duas categorias: dificuldades e estímulos², em que elencamos as situações e expressões mais recorrentes lembradas pelas alunas/professoras.

As “cartas da esperança”, documentos escritos pelas alunas/professoras no PARFOR/UERN, foram produzidas no período final do trabalho de conclusão do Curso. Elencamos os meses de fevereiro a junho de 2014.

² As categorias foram pensadas após os escritos das participantes do estudo. Elas emergem como os elementos mais pontuados nas histórias de si, das alunas/professoras, no que tange à formação no Curso de Pedagogia – PARFOR/UERN.



Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo, pois concebemos as histórias de vida dos sujeitos participantes do estudo como elementos basilares para a interpretação do contexto e do fenômeno pesquisado, a formação docente no PARFOR, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN (MINAYO, 2007; DELORY-MOMBEGER, 2008).

Ainda nos subsidiamos, para interpretação das narrativas, na literatura internacional (JOSSO, 2010) e nacional (SOUZA, 2010; PASSEGI, 2003) que dialoga acerca do método (auto) biográfico.

Reforçamos que o trabalho, que envolve a compreensão das “cartas da esperança”, traz, nas narrativas dos sujeitos, atores e autores da pesquisa, o desenrolar de vidas, suas dificuldades durante o processo de formação, suas alegrias e esperanças que se renovam a cada dia. A pesquisa cumpre também com seu papel social ao pontuar no centro do diálogo o ‘eu pessoal’ e ‘eu profissional’ do professor, elementos indissociáveis na formação (NÓVOA, 2000).

1. Tramas de uma história: desafios na construção do plano nacional de formação de professores da educação básica - PARFOR

Mediante os desafios de refletirmos acerca de alunas em processos de formação, professoras do campo, concebidas por nossa sociedade contemporânea como sujeitos “atrasados”, mas que buscam, com um projeto formativo, vencer esses obstáculos, nos vemos na obrigação de discorrer sobre o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR, pois, sendo ele um dos motivos para existir esta pesquisa é também uma oportunidade de crescimento para nossa educação brasileira, em especial, para professores que não vivenciaram ainda uma formação universitária.

O Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica - PARFOR é o resultado da ação conjunta do Ministério da Educação (MEC), de Instituições Públicas de Educação Superior (IPES) e das Secretarias de Educação dos Estados e Municípios,



no âmbito do Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação, que estabeleceu no país um novo regime de colaboração da União com Estados e Municípios.

Em 2007, os Estados e Municípios elaboraram Planos de Ações Articuladas, em que refletiram suas necessidades e aspirações, em termos de ações, demandas, prioridades e metodologias, visando assegurar a formação exigida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996, para todos os professores que atuam na educação básica.

Atentando para o contexto e ainda para a necessidade pontuada anteriormente, o Decreto 6.755, de 29 de janeiro de 2009, instituiu no país a Política Nacional de Formação dos Profissionais do Magistério da Educação Básica, com a finalidade de organizar, em regime de colaboração da União com os Estados, Distrito Federal e Municípios, a formação inicial e continuada de profissionais, os quais não tinham formação específica para atuação na educação e em suas modalidades.

Nesse ínterim, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR é destinado aos professores em exercício das escolas públicas estaduais e municipais do país, sem formação adequada à LDB. Oferece cursos superiores públicos e gratuitos (intencionando qualidade), abrangendo municípios de 21 Estados da Federação, por meio de 76 Instituições de Educação Superior, das quais 48 Federais e 28 Estaduais, com a colaboração ainda de 14 universidades comunitárias³.

No Rio Grande do Norte, o PARFOR, atualmente, tem parcerias com instituições como a Universidade do Estado do Rio grande - UERN, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN e a Universidade Federal Rural do Semi-Árido-UFERSA, porém, cabe nesse momento, enfatizarmos que nosso campo de pesquisa é o PARFOR/UERN, que abrange as cidades de Apodi e Mossoró. Ressaltamos que optamos

³ Essa informação foi construída, conforme o Relatório Anual do PARFOR/UERN, do ano de 2013.



por estudar os docentes que estão participando da 2ª formação, ou seja, que tiveram seus estudos iniciados através do Curso de Magistério.

Com o PARFOR, o docente sem formação acadêmica ou sem formação específica para sua área de atuação poderá se graduar nos cursos de 1ª Licenciatura, com carga horária de 2.800 horas, destinada a professores que lecionam sem nenhuma graduação; de 2ª Licenciatura, com carga horária de 800 a 1.200 horas para professores que são licenciados, porém atuam em outra área de formação; e de Formação Pedagógica, para professores que tiveram a formação em Cursos de bacharelado, e exercem a docência na educação básica.

A legitimação dos/nos Cursos é desenvolvida por meio de um sistema articulado ao MEC denominado Plataforma Paulo Freire, onde o professor também terá seu currículo cadastrado e atualizado, continuamente. A partir da pré-inscrição dos professores e da oferta de formação pelas IES públicas, as secretarias estaduais e municipais de educação têm na Plataforma Freire um instrumento de planejamento estratégico capaz de adequar a oferta das IES públicas à demanda dos professores e às necessidades reais das escolas de suas redes. A partir desse planejamento estratégico, as pré-inscrições são submetidas pelas secretarias estaduais e municipais às IES públicas, que procedem à inscrição dos professores nos Cursos ofertados. E ainda, todas as licenciaturas das áreas de conhecimento da Educação Básica são ministradas no Plano, com Cursos gratuitos para professores em exercício das escolas públicas, nas modalidades presencial e a distância.

2. Formação continuada: alunas/professoras do PARFOR/UERN

O objetivo de promover a formação superior gratuita, intencionando qualidade, para professores em exercício na rede pública de ensino básico, ocorre no intuito de que esses profissionais possam vivenciar uma formação superior qualificada, alicerçada em atividades acadêmicas, em experiências e métodos existentes no processo de um curso



superior que interagirá com o ensino e a prática desses profissionais, contribuindo, dessa maneira, com o processo de transformação desses indivíduos, seja na vida pessoal e profissional, seja no meio social onde estão inseridos.

Isso posto, as alunas/professoras do PARFOR/UERN são motivadas a concluir o Curso de Pedagogia, por intermédio do qual se qualificam, como normatiza a lei, para a docência em todas as modalidades, o que compreende, nos dias de hoje, a atuação do pedagogo. Cabe salientarmos que os saberes construídos durante o Curso não são para substituir os já existentes, mas para unir esses conhecimentos às vivências e experiências das alunas/professoras do PARFOR/UERN ao longo dos anos dedicados à educação.

Neste artigo, procuramos analisar, através das narrativas, como está sendo o processo de formação no curso superior e que inclui a sua passagem pelo magistério e a sua atuação como docente na escola. Investigamos mudanças e resistências apontadas por esses sujeitos, almejando decifrar como estão vendo e sentindo sua formação, durante esse novo caminho rumo às novas aprendizagens, isso por estarmos ouvindo pessoas com vivências na educação bastante significativas, já que, em sua maioria, são mulheres que atuam como mães e esposas, elementos esses que não podem ser menosprezados neste trabalho.

Nesse contexto, é possível afirmarmos que as cartas analisadas trazem em seu conteúdo a vivência rurícola, a luta pela aquisição de conhecimentos em sítios e comunidades de espaços campestres, a labuta para ser mãe e profissional da educação, os desafios para estar dando continuidade à formação, a história de vida.

De acordo com Freire (2008), é através do conhecimento que o indivíduo se liberta da opressão e é criticando a si mesmo que ele busca a sua liberdade, em uma tomada de consciência, deixa de ser um sujeito ingênuo, vai se firmando e observando que seu mundo se abriu para uma visão mais ampla dentro dos conhecimentos políticos e sociais no que se refere ao contexto da educação. Para o autor, a aprendizagem está “centrada em



experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas de liberdade” (FREIRE, 1996, p.89).

Freire (1996) fala de uma prática pedagógica que, apesar de passar por turbulências e lutas constantes, é preciso que passe por um processo contínuo de reflexão de si, para que assim, nasça um novo ser, mais consciente de sua condição na sociedade, mais atuante diante dos desafios.

Acreditamos que o PARFOR/UERN coopera para o aprimoramento de conhecimentos desses sujeitos, tornando-os mais seguros de sua atuação, pois, nos dias atuais, a formação continuada é uma necessidade de ressignificar o saber, é o caminho de estar sempre melhorando, de (re)construir sua identidade (IMBERNÓN, 2010).

Nesse bojo, a participação do professor é parte fundante no processo, ele precisa ser aquele que busca, que indaga, que está pesquisando e se aperfeiçoando para atender a diversidade da sala de aula. Um professor que possibilite a seus alunos desenvolver questionamentos, a pensar sobre a realidade de forma consciente acerca do que perpassa no mundo (FREIRE, 2008).

Para Freire (1996, p.34), “O educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem a sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica em que é uma presença”, e um professor só será capaz de modificar a sua realidade através de sua arte, o ensino, se investir na sua formação.

Com a pesquisa, foi possível percebermos que o PARFOR/UERN não só contribui para que essas alunas/professoras deem continuidade à formação, mas elevem sua autoestima ao lhes permitir novas vivências reflexivas com o saber, da mesma forma, se vincula às suas identidades enquanto formandas/formadoras em “exercício” com experiências concretas que devem ser respeitadas e compreendidas para que a educação seja eficaz e, de fato, inclusiva.



3. “Cartas da esperança”: o relato de alunas/professoras do campo no PARFOR/UERN

As histórias de si relatadas pelas alunas/professoras do PARFOR/UERN é, antes de tudo, um exemplo de superação vivida na busca de continuar a formação, lutando contra a desigualdade e procurando a inclusão social, no cenário da educação brasileira.

Nesse contexto, a pesquisa se faz pertinente por revelar que ao contarem e ao narrarem suas experiências de vida, é possível que esses sujeitos despertem novas maneiras de enxergar suas dificuldades e descubram estímulos durante a continuidade de seus estudos.

Desse modo, podemos afirmar que, ao escreverem e narrarem sua (auto) biografia, esses sujeitos refletem acerca de seus acertos e erros, sobre sua profissão docente. A respeito disso, Passegi (2003, p.30) nos diz que “ao revisitar o caminho percorrido, o sujeito constrói representações de si agindo no mundo, mais consciente do seu fazer”. Isso porque, ao refazerem sua trajetória profissional e pessoal, essas alunas/professoras do PARFOR/UERN têm a oportunidade de rever atitudes, aprendizagens, valores, enfim, de buscar novos elementos antes deixados de lado, detalhes simples, mas que podem refletir no modo como se veem (PASSEGI, 2003), e, conseqüentemente, na vida profissional (SOUZA, 2010).

Medeiros e Leandro (2012), ao abordarem a (auto) biografia como recurso para ressignificar a formação, esclarecem que à medida que o sujeito toma consciência de sua condição profissional, entrelaça os demais enredos de sua vida pessoal. As lembranças formam e fiam cada experiência/vivência que o sujeito ator/autor da vida construiu no seu percurso profissional, não fragmentando suas experiências pessoais (MEDEIROS & LEANDRO, 2012).



Nesse caminho, um elemento muito importante, já citado anteriormente, é o poder de superação que pode ser observado com a leitura e análise das “cartas da esperança”, pois, a cada dificuldade relatada pelas alunas/professoras do PARFOR/UERN, descortinava-se um conhecimento de si⁴, ilustrando sua força para poder enfrentar as dificuldades que perpassaram seu trajeto de vida pessoal e docente.

Por outro lado, a superação só se fez possível pelos estímulos, as alegrias e oportunidades vividas por elas, um exemplo é o próprio PARFOR/UERN, vindo a disponibilizar um novo universo de conhecimento.

Cabe-nos salientar que o resgate com o qual o PARFOR/UERN se compromete compreende professores cuja formação para o ensino baseia-se no magistério, atuando nas escolas públicas do campo, nos anos iniciais do ensino fundamental, na educação infantil e na modalidade de educação de jovens, adultos e idosos. Tal formação remete a um crescimento profissional, ao respeito, à dignidade dessas alunas/professoras.

De acordo com Mantoan (2006), um projeto educacional inclusivo necessita de cooperação e engajamento de professores e alunos, na busca do reconhecimento de suas diferenças e não o contrário, que é excluir a interação de conhecimentos numa escola para todos, em que a educação deve promover um desenvolvimento efetivo e promissor de ensino e aprendizagem. A autora reforça:

Todos sabemos que deixam a desejar [as escolas] e que é urgente fazer alguma coisa para redefini-las de todas as formas possíveis. É difícil o dia a dia da sala de aula. Esse desafio que enfrentamos tem limite: o da crise educacional que vivemos, tanto pessoal como coletivamente, no ofício que exercemos. (MANTOAN, 2006, p.08)

⁴ Por conhecimento de si, concebemos o conhecimento que o sujeito construiu acerca de si ao narrar sua trajetória de vida pessoal e profissional (SOUZA, 2010).



Como vemos, a importância desses projetos para construir uma educação brasileira é inquestionável, principalmente no que concerne à educação do campo, modalidade educacional historicamente marginalizada e silenciada no contexto da educação do país. Por isso, a busca por uma educação do campo de qualidade tem sido a bandeira de luta de muitos movimentos sociais do campo, mas não uma educação alavancada por homens que não entendem do que o campo precisa, suas necessidades e metas (MEDEIROS & AGUIAR, 2015).

Este artigo acredita que as alunas/professoras do PARFOR/UERN são um começo para que haja as transformações no campo, nas suas escolas, uma vez que as cartas sinalizadas para interpretação advêm de alunas/professoras que residem no campo.

Sobre essa educação, Pereira (2008, p.34) argumenta que “a desconsideração de especificidades locais constitui uma das maiores críticas ao modelo atual formulado pelas organizações e movimentos sociais”, ou seja, é preciso um ensino que tenha os saberes do campo, suas particularidades culturais, regionais, inseridas na proposta pedagógica das escolas, para que, assim, as alunas/professoras, que vivenciaram uma formação universitária, possam protagonizar uma pedagogia voltada para suas necessidades, seus valores, seus saberes e desafios vividos na luta cotidiana na terra.

Esse é mais um motivo para ouvirmos esses sujeitos. A cada carta lida, um sentimento era “descortinado”, uma aprendizagem recolhida para suas paragens, saber dos desafios pelos quais essas alunas/professoras em formação estão passando, e mesmo com elas a suas esperanças de continuar e vencer.

As cartas escritas nos mostram os receios, as dificuldades, os sonhos e as realizações das alunas/professoras dos espaços campestres, que com suas vivências e experiências narram histórias simples de superação nas suas práticas diárias, nas escolas e no campo, até os dias atuais.



Foi-nos possível notar com a análise dos escritos das alunas/professoras que suas narrativas são elementos valiosos para a continuação de sua formação. Foi narrando que esses sujeitos demonstraram sentirem-se vivos e seguros perante os desafios enfrentados nesse processo de formação. Assim, acreditamos na (auto) biografia como uma ferramenta de inclusão social e também de (auto) formação, nessa caminhada. As cartas aludem:

Eu sei que sou outra pessoa após ter entrado na universidade. Perdi meu medo de falar em público, mesmo sendo professora. Me conheci melhor. Hoje valorizo o campo e a educação que nós fazemos. A carta que escrevo serve também para ver que sou outra, que medos são vencíveis, fico feliz ao perceber meu crescimento nos últimos anos, sou outra mulher. Ao ler meus escritos, vejo que sou capaz de continuar estudando. Isso é demais. (Professora 7⁵, Mossoró-RN, 22/03/2014)

Como mulher do campo e filha da terra, escrevo essa carta pautando minhas superações. Uma delas é de estar concluindo o curso. Olho na memória e vejo que sou uma professora, com autonomia, que sabe um pouco o que faz. Os obstáculos difíceis que venci e aqui escrevo, me dão ânimo, nesse momento de seguir, em uma pós-graduação. A mulher que saiu de um pé de serra, hoje pensa em retornar formada e futuramente, pós-graduada. (Professora 3, Mossoró – RN, 22/03/2014)

Não se trata do mero resgate da memória, mas de refletir criticamente sobre o caminho já percorrido na busca de ter clareza da estrada que continua, e assim, ser capaz de intervir e de melhorar sua realidade.

A (auto) biografia conduz as alunas/professoras do campo a uma reflexão de si, do outro com/no mundo, tornando-as mais críticas e conhecedoras do que está em sua volta (JOSSO, 2010).

Entremeios, para Abrahão (2006, p.98), as (auto) biografias são “constituídas por narrativas em que se desvelam trajetórias de vida, é processo de construção que tem a qualidade de possibilitar maior clarificação do conhecimento de si, como pessoa e

⁵ Apesar de termos a permissão das participantes da pesquisa para utilização de seus escritos, preferimos não mencionar os nomes, visando resguardar suas identidades.



profissional, àquele que narra sua trajetória”, e aqui estão as histórias de vida das professoras que se tornaram alunas, as dificuldades e os estímulos que estiveram em suas estradas até o presente momento, o que se caracteriza pela busca do saber constante.

É num contexto de batalhas pela sobrevivência, com garra, com destreza que trazemos algumas dificuldades e estímulos citados pelas alunas/professoras em suas cartas. Dentre as *dificuldades*, a mais mencionada, lembrada em seis das cartas lidas (cartas 01, 04, 06, 07, 08 e 09) e aludida em outras mais, é a questão da distância, das dificuldades de locomoção e deslocamento nas zonas rurais, onde não há transporte público e as distâncias, tanto para se deslocarem até as escolas onde aprenderam a ler e hoje lecionam. A carta 01 relata que a aluna/professora caminhava uma légua até a escola onde foi alfabetizada, e na qual atua como docente; na carta 09, é mencionada uma distância de três quilômetros até a escola onde leciona.

Na carta 02, a professora relata suas estratégias de construção do conhecimento, hospedando-se em casa de familiares na cidade de Apodi (área urbana). No entanto, não pôde seguir sua qualificação por não ter sido aprovada no vestibular (tentando Pedagogia, Letras e novamente Pedagogia), no processo seletivo convencional da universidade pública, nem ter condições financeiras para arcar com as mensalidades de uma faculdade privada na qual foi aprovada.

Outra dificuldade recorrente é a dupla jornada de trabalho, citada pelas cartas 01, 04, 07 e 08. Na carta 01, a autora menciona a “luta” diária e solitária nas atividades domésticas, na casa que divide com o marido. Na carta 08, é descrito o problema de saúde do marido, o qual fez um transplante e depende de seus cuidados em sua vida hospitalar constante. As demais mencionam a responsabilidade com os deveres da maternidade, embora ressaltem o apoio dos maridos – sem o qual não seria possível realizar o Curso.

Dentre as demais dificuldades relatadas, em relação ao Curso, está o enfrentamento da depressão, o tempo fora da sala de aula, do qual decorrem dificuldades



de aprendizagem, a falta de prática com a *internet* e mesmo os preconceitos enfrentados em suas comunidades (na carta 09, a aluna/professora afirma ter sido alvo de hostilidade quando de sua separação e continuidade dos estudos).

As dificuldades citadas pelas alunas/professoras do PARFOR/UERN variam desde suas necessidades estruturais, quanto pessoais, por isso, afirmamos mais uma vez, não podemos ver esses profissionais em formação continuada fora de suas condições humanas e sociais, afinal, somos seres forjados num tempo histórico, ou como diz Freire (1996, p.45) “mulheres e homens, seres histórico-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir [...]”.

Destacamos ainda, apesar de não tão presente nos escritos das alunas/professoras, dificuldades concernentes à relação teoria e prática acerca do vivido no Curso e a realidade encontrada na educação do campo, a falta de material didático e de acervo bibliográfico disponível às alunas/professoras, a não adequação do currículo proposto ao curso e o processo formativo para os sujeitos que residem no campo.

Esses elementos, independentes de não terem sido indicados textualmente, com frequência, nas “cartas da esperança”, emergem como dificuldades que, por vezes, fragilizam a formação continuada vivenciada no Curso de Pedagogia PARFOR/UERN.

No que tange aos *estímulos*, quatro alunas mencionam o orgulho por estarem cursando uma graduação em Pedagogia; algumas tentaram a seleção do vestibular em universidades públicas, não obtendo êxito, mesmo tentando mais de uma vez (carta 02 e carta 05). Uma das alunas ingressou em uma faculdade privada, mas não pôde cursá-la em razão de dificuldades financeiras (carta 05). Outra (carta 03) mencionou que gostaria de capacitar-se, já havendo sido aprovada num processo de capacitação para professores (Proformação), mas não poderia ausentar-se de sua cidade em função da dupla jornada e compromissos familiares.



Em geral, o curso superior é visto não de modo simplista como uma “capacitação”, mas como uma quebra de fronteiras e paradigmas, sobretudo para as alunas/professoras provenientes do campo, que mencionam ser uma conquista pessoal, e para as suas famílias, o ingresso em uma universidade, nesse caso, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN.

Outra menção recorrente é a respeito da (auto) superação e do orgulho pela trajetória individual. Uma das alunas relata (carta 06), aos 66 anos de idade, o seu orgulho pelos 30 anos de magistério, no qual superou dificuldades de deslocamento desde a infância, quando saía de sua residência na zona rural em busca da alfabetização. Menciona o ingresso na vida como docente, o uso de materiais improvisados e do alpendre de sua casa como sala de aula, também depõe sobre os três quilômetros, caminhados a pé, que tinha de cruzar até o estabelecimento de ensino, para o qual foi transferida.

Uma aluna/professora relata os anos em que viveu em casas de parentes na cidade urbanizada; outra que descreve os longos anos em que se dividiu entre a profissão e a função de acompanhante do marido, que fazia hemodiálise na capital do estado vizinho, o Ceará; há ainda a aluna que descreve o enfrentamento dos preconceitos de sua comunidade quando se separou do primeiro marido e teve que cuidar dos filhos, sendo professora.

Três delas ainda mencionam diretamente o orgulho por terem sido selecionadas pelo PARFOR/UERN, e descrevem as etapas de seleção e suas respectivas classificações, num reconhecimento à isonomia do processo, bem como a compreensão do mérito próprio em serem contempladas pelo programa.

Três delas também mencionam que um dos maiores estímulos é a possibilidade de cursarem uma universidade com flexibilidade de tempo de sala de aula, mas valorizando as aulas presenciais, o contato com a turma e o trabalho em equipe. Na carta 03, a autora infere que os exercícios em grupo a ajudaram a superar as dificuldades



advindas da “falta de hábito de leitura” e “esquecimento”, e utilizou a carta também como um “desabafo” sobre suas dificuldades de escrita e interpretação de textos. A carta 02, de uma professora que já havia vivenciado a educação à distância, em outro momento de sua trajetória profissional, apresenta a consideração de que as atividades presenciais do PARFOR/UERN são mais significativas e auxiliam no aprendizado.

Em geral, as cartas relatam uma identificação com a zona rural, presente no relato das dificuldades características desse território, mas, em três delas, emerge o desejo de transformar a educação nestes espaços, de expandir os recursos e dar qualidade à educação campesina, com o reconhecimento da realidade local.

Eu nasci, me criei, me tornei professora no campo e nele quero continuar. Apesar de tudo que passamos aqui e do silêncio que temos por parte do poder público, quero mudar a realidade de minha comunidade. Foi isso que me fez continuar o curso, meu maior estímulo. Sei que minhas raízes nasceram no campo e nele elas continuarão. (Carta 06, Apodi – RN, 22/03/2014)

Por ser camponesa, penso no meu povo e quero levar novas formas de ensinar e de trabalhar na realidade de meu lugar. Cansada e indignada do descaso com a educação, a formação me impulsiona para a luta junto ao meu povo. Não pretendo finalizar o curso e guardar meu diploma. Valorizo e farei dos conhecimentos aprendidos um suporte para educar e para transformar. (Carta 09, Apodi – RN, 22/03/2014)

Está no Curso, já me faz ser alguém melhor, que conseguiu avançar na vida. Sou um orgulho para minha família. Eu não acreditava mais em mim, pela idade que tenho, estar no ensino superior. Faço disso meu estímulo, para dar aula e também para ser uma professora comprometida com as coisas da comunidade e do campo. (Carta 04, Apodi – RN, 22/03/2014)

É interessante vermos que os estímulos alavancados pelas alunas/professoras sempre caminharam para a busca contínua de saber, sua formação continuada, ao longo da vida. Outro ponto é a esperança contida em cada sujeito, em cada desafio superado,



seja nos vestibulares prestados ou em outros programas/planos do Governo de que não puderam participar.

Todas essas narrativas indicam que esses sujeitos têm consciência de que sua formação terá resultados não apenas individuais, já que percebem uma relação entre crescimento pessoal e profissional, trazendo conquistas para as suas comunidades, das quais se consideram também porta-vozes.

Percebo que tenho um compromisso com a zona rural. Há muito preconceito com o campo e meu papel de educadora é fazer diferente. Sou a representante da comunidade. Tenho que trazer bons exemplos. Faço parte de um movimento social que luta e dá seu sangue as nossas causas. Fico triste ao identificar que apesar de vencer ainda temos muito a fazer, tirar essa imagem negativa e de negação sobre o campo.
(Carta 08, Apodi – RN, 22/03/2014)

Mais uma vez, percebemos a vida cotidiana, suas alegrias e tristezas vinculadas ao seu processo de formação, o que nos remete a uma educação inerente ao saberes populares desses sujeitos, momentos marcantes de suas vidas, sendo resgatadas de suas memórias, agindo como formadores nesse processo.

À guisa de conclusão, referenciamos Caniello e Tonneau (2006, p.12), os quais acrescentam que “a memória, os ‘saberes e fazeres cotidianos’ são conhecimentos tão importantes quanto à inteligência crítica, a abertura às novidades e ao saber erudito”. Logo, a análise das cartas nos conduz ao conhecimento dessas alunas/professoras do campo e do PARFOR/UERN por todas as suas metas, esperanças e superações durante o caminhar para conclusão do curso superior.

Considerações finais

Estes relatos nos mostram a grande importância que é o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR/UERN, o qual visa resgatar os professores que estão em salas de aula e que não puderam ingressar em uma Universidade,



dando oportunidade a essas professoras de Apodi - RN e Mossoró – RN de terem uma educação continuada para a sua formação, favorecendo para uma melhor qualidade de ensino, já que elas, ao concluírem o Curso de Pedagogia, vão estar com/na docência na Educação Infantil e Ensino Fundamental, acumulando esses conhecimentos a sua bagagem de vivências e experiências adquiridas nesses longos anos de dedicação à educação.

Nas “cartas da esperança”, sobressaem a origem das professoras, seus testemunhos como sobreviventes exitosas nos caminhos da educação do campo. Essas cartas mostram lutas e determinação numa corrida desigual e repleta de obstáculos rumo ao saber, almejado com afincamento por elas. Também contam como superaram a distância, as dificuldades domésticas, financeiras e decorrentes da ausência de políticas públicas para o seu desenvolvimento profissional.

Os relatos acenam que sua qualificação é mérito de suas próprias trajetórias, além de uma conquista não apenas para si mesmas, mas um avanço para a qualificação no ensino em suas comunidades.

Enfim, destacamos o aspecto inclusivo do PARFOR/UERN, na perspectiva de autonomia e esperança de sujeitos valorados em seus saberes e lutas, reconhecendo suas transformações e resistências. Esperamos que tais relatos possam contribuir para que se repense as formas e condições de ensino, ajudando a compreender o papel formador da escola para além do caráter socializador do saber.

Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si resignificando pelo emprego do método autobiográfico. In: **Tempos, narrativas e ficção: a invenção de si**/Elizeu Clementino de Souza, Maria Helena Menna Barreto Abrahão (org) – Porto Alegre/RS: EDIPUCRS; 2006.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



BRASIL. **Decreto nº 6.755, de 29 de janeiro de 2009.** Disponível In: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6755.htm. Acesso em 15/11/2015.

CANIELLO, Márcio de Matos. *O Ethos Brasília: Sociologia histórica da Formação Nacional-1500-1654*. Recife. Tese. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

DELORY-MOMBEGER, Christine. **Biografia e Educação: Figuras do indivíduo projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi. Natal – RN: EDUFRN, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Continuada de Professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. 2ª. Ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?**. São Paulo: Moderna, 2006.

MEDEIROS, Emerson Augusto de; LEANDRO, Ana Lúcia A. Lopes. **Do Campo à Universidade: Histórias, Saberes, Experiências, Fazeres e a Formação no Pedagogia da Terra**. In: V Congresso Internacional da Pesquisa (Auto) Biográfica – V CIPA. Porto Alegre/PUC-RS, 2012.

_____; AGUIAR, Ana Lúcia Oliveira. Educação do/no Campo: história, memória e formação. *Revista Educação: teoria e prática - UNESP*, v.25, n.48, p.06-18, jan./abr. 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

NÓVOA. Antonio (Org.). **Profissão Professor**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2000.

PASSEGI, Maria da conceição. **Narrativas autobiográficas: uma prática reflexiva na formação docente**. In: Colóquio Nacional da AFIRSE. Bahia/UNB, 2003.

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



PEREIRA, Maria Izabel Galvão Gomes. Práticas Educativas, Territórios e Biografização: reflexões a partir da Educação Rural. In: **Tendências da pesquisa (auto) biográfica**/Maria da Conceição Passeggi (Org.).- Natal/RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **A arte de contar e trocar experiências**: Reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação, 2010. Disponível em <http://www.slideshare.net/mfgvilhete/autobiografia1-1134939>. Acesso em 22 de maio de 2015.

Sobre os autores

Ana Lúcia Oliveira Aguiar: Doutora em Sociologia. Professora Adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Diretora do Departamento de Apoio a Inclusão, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC/UERN.

Emerson Augusto de Medeiros: Doutorando em Educação, pelo Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Mestre em Educação. Professor Assistente, da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA. Coordenador do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo – LEDOC/UFRSA.

Amélia Ferreira Dantas: Bolsista de Iniciação Científica do Projeto Formação continuada de professores e inclusão através do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR: Saberes docente e Formação Profissional da cota PIBIC/UERN 2012-2013. Estudante do 7º período do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Recebido em: 15/06/2015

Aceito para publicação em: 28/06/2015